

Formando uma tropa de elite na Polícia para trabalhar com jovens

Juventude e Polícia - Capacitação 2007⁽¹⁾

Iniciando o quarto ano do Juventude e Polícia, uma tropa de 20 pessoas do Rio de Janeiro participou, em maio, de duas semanas inteiras de capacitação, no maior esforço concentrado de formação, desde o início do projeto em 2004.

Abertura no 16º. BPM

A abertura da capacitação, no 16º. BPM, em Santa Teresa, Belo Horizonte, ocorreu em cerimônia cheia de emoção e surpresas. Após a exibição do Documentário Polícia Mineira, ao qual assistiram dezenas de policiais do 16º que lotaram o auditório do batalhão, o **Ten. Cel. Godinho**, comandante do batalhão, deu as boas vindas dizendo que o 16º tinha orgulho de sediar a capacitação e **saudava os policiais do JP como parte essencial da consolidação de uma nova polícia que está sendo aplaudida pela população e pelos comandos.**

O **Ten. Cel. Rogério**, representando o CPC, disse que o número de pedidos para apresentações do JP cresce a cada dia, e que os policiais que ali estavam amadureceram e souberam se aproximar dos jovens sem perder suas identidades de policiais. Cel. Rogério também afirmou que a determinação do CPC era criar os caminhos para institucionalizar o JP e **torná-lo uma referência da PM para as relações com os jovens e aproximar o JP das áreas onde os GPARs” (Grupamentos de Policiamento de Áreas de Risco) atuam.**



A tropa completa do JP na abertura de 2007: 20 instrutores, 25 policiais e jovens da EMOC.

¹ Relatório elaborado por Sílvia Ramos – CESeC.

A **Cel. Luciene**, representado o Estado Maior, fez uma intervenção emocionada e emocionante, destacando a trajetória difícil do JP como uma proposta ousada que tinha estabelecido **“pontos de não-retorno”**. **A partir da quebra de paradigmas, o JP estava estabelecendo um método para trabalhar com jovens.**

A **diretora Luciana**, da Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC), reafirmou que do “patinho feio” a escola se tornou uma referência e que o JP era uma parte disso. **Ela era testemunha do amadurecimento da tropa e que os policiais estavam assumindo papéis de pedagogos e que no futuro esses próprios policiais poderão ser convidados a participar de Conselhos de Classe.**

Silvia Ramos, do CESeC, disse que o projeto era **uma combinação de três elementos mágicos, a genialidade de José Júnior, do AfroReggae, a coragem do Cel. Renato, do CPC e a ousadia de Luis Flávio Saporí**. E esse sentido visionário do Saporí, que anteviu o que o projeto poderia ser, que se consagrava naquela capacitação de 2007.

Luis Flávio Saporí, Secretário Adjunto, disse que se manifestaria de forma muito sincera e que **o mais importante era que o projeto tinha adquirido vida própria, sem depender de qualquer um de nós**. Saporí revelou que se afastaria, naquela semana, da Secretaria de Defesa Social, mas que isso não significaria um rompimento com o projeto; apenas que no futuro estaria junto do projeto de uma forma diferente. E concluiu, emocionando a todos: **“Parabéns à PM, parabéns a vocês, policiais: vocês não têm noção de como vocês são admirados e respeitados pelo que vocês fazem aqui.”**

Nesse instante o **Major João Carlos**, comandante da 20ª Cia. subiu ao palco e prestou homenagens super emocionantes à Cel. Luciene, a quem chamou de **“anjo de luz dentro da PM”** e a Luis Flávio Saporí, por ser uma **“referência hoje no país”**. Ambos receberam das mãos do artista plástico e PM Leontino uma peça de artesanato.

Altair disse que **os policiais são os que de fato tocam o projeto, são os que vão com muita coragem para dentro das comunidades, fardados, mas utilizando armas diferentes de transformação, a Cultura e a Arte**. Por esta razão, chamou ao palco os 29 policiais do projeto, os 20 instrutores do AfroReggae e os cinco jovens do EMOC presentes.

A partir daí, a cerimônia se tornou o tempo todo um diálogo cheio de emoções, onde se ouviu o depoimento de **Dinho, vocalista da banda AfroReggae**, que confessou como ele odiava a polícia e como, com 15 minutos de aula, no 22º. BPM há três anos atrás, ele mudou de opinião, tendo se aproximado inclusive do seu padrasto, que além de policial era flamenguista. Norton deu um depoimento que fez várias pessoas chorar, quando disse que, aos 49 anos de idade, 32 deles do lado do crime, **nunca pensou que poderia entrar num quartel, nunca imaginou que teria orgulho de policiais militares e nunca na vida imaginou que um policial militar seria um espelho para ele.**

Serginho (“Fortelece”) falou de sua trajetória quando entrou para a vida do crime aos 10 anos de idade e sobre a oportunidade dada a ele inicialmente pela CUFA e agora pelo AfroReggae de fazer uma trajetória completamente diferente. **Alan**, recém saído de um grupo de traficantes de Vigário, sete dias antes, foi de uma verdade comovente ao dizer que **queria esquecer como tinha sido a vida no tráfico para começar uma outra nova, ali, com o AfroReggae e da emoção de sua mãe quando ele disse que estaria começando a trabalhar com o AfroReggae.**

Os jovens da EMOC, **Eliane**, 15 anos, **Lucas**, 16 anos, **Laércio**, 16 anos, arrancaram risos da platéia lotada de policiais, comentando como suas vidas tinham mudado depois que eles integraram o JP, nunca poderiam imaginar ser amigos de policiais.

Os policiais do projeto quando foram convidados a subir no palco fizeram depoimentos impressionantes. Como o **Cabo Emerick**, do 22º. BPM, que disse que hoje os policiais que começaram com muitos preconceitos têm outra visão sobre como criar laços com a comunidade. O **Soldado Johnny**, maestro do grupo da percussão, contou histórias engraçadas sobre os primeiros momentos do JP e se dirigiu aos policiais do 16º dizendo que os policiais que estão na rua são os mais importantes, pois se não respeitam os jovens, de nada adianta o JP. **Eliézer**, do 16º. BPM refletiu o quanto mudou, lembrando que no passado ele achava que bandido não era ser humano e que a violência estava dentro dele. O **Sargento Remaclo** contou sua trajetória, no Choque, na Rotam, até chegar ao 22º e ao JP, onde melhorou até mesmo a relação com suas filhas, que hoje têm orgulho de um pai que sabe se relacionar com jovens e disse: **“eu aprendi que precisava respeitar os jovens para ser um policial melhor”**.

16º, Aulão, EMOC, Polivalente, Alto Vera Cruz, NUC e Clube dos Cabos e Soldados

Depois da abertura, as duas semanas seguiram a todo vapor, cada oficina em sua atividade frenética de capacitação dos policiais. A primeira semana foi específica no 16º batalhão onde ocorreram no período da manhã várias palestras e debates com profissionais e policiais convidados que atuam em várias áreas. Discutimos temas como psicopedagogia para jovens, combate às drogas, sexualidade, gênero e policiamento comunitário em favelas, com intenção de ampliar o conhecimento do nosso grupo de policiais. No período da tarde partíamos para as oficinas praticas nas dependências do 16º exceto a oficina de basquete que ocupava as quadras do colégio Tiradentes e do Oásis Clube próximo do batalhão. Na segunda semana resolvemos de uma forma mais dinâmica fazer as oficinas com os jovens de vários grupos parceiros nas diversas comunidades de Belo Horizonte. Na parte da manhã todas as oficinas foram realizadas na EMOC, exceto a de dança que foi realizada no colégio Alison Pereira Guimarães. No período da tarde caminhávamos para atividades com mais outros jovens de grupos parceiros, eventos que entravam pela noite. Foram momentos de grande união e fortalecimento do projeto junto aos nossos parceiros porque pudemos consolidar nossa proposta e deixar praticamente estabelecida a **missão** do projeto. Encontros memoráveis de oficinas, debates, bate-papos, apresentações e confraternizações nos momentos de lanche em todos os lugares em que passamos: NUC, Centro Cultural do Alto Vera Cruz, Juventude Hip Hop do Taquaril, Querubins e no Clube dos Cabos e Soldados.

Marcas do grafite ficaram registradas nos muros do 16º Batalhão e na fachada do Centro Comunitário do Alto Vera Cruz; registros dos sons e do batuque da percussão nas ruas do bairro; registro dos movimentos acrobáticos e harmônicos do street dance nas salas de aula; a habilidade e força dos garotos do basquete; o amadurecimento do grupo de teatro, tudo isso nos encheu de orgulho. Além disso, cabe ressaltar um ponto alto da segunda semana, um **“Aulão”**, idéia do **Coordenador Betho Pacheco**, onde todos os policiais e todos os instrutores do AfroReggae fizeram todas as aulas, tendo como professores os policiais e instrutores de cada oficina: um momento divertido e uma fonte de reflexão sobre as dificuldades e os encantos de cada oficina, onde todos puderam testar suas criatividade, resistências e limites nos diversos estilos.

O **saldo geral** das oficinas é bastante positivo, ainda que seja necessário um reforço, especialmente de complementação no quadro de policiais em algumas oficinas, dar continuidade a capacitação técnica em outras. No Basquete, apesar do empenho, dois dos três componentes tiveram problemas de frequência em alguns dias. O Grafite, apesar da sua ótima inserção junto aos grafiteiros de BH, tem atualmente um único componente policial. O

grupo da Dança, ainda que tecnicamente precise de reforço, pela própria dificuldade da matéria, é composto por quatro policiais unidos e dispostos. O grupo do Teatro buscou superar dificuldades internas: o ingresso da policial Rose, uma mulher, representou um reforço considerável para o grupo. As instrutoras Carla e Renata perceberam que os policiais têm que ter uma formação como espectadores de teatro e os levaram para ver peças em BH. A Percussão continua sendo o grupo mais preparado, ainda que também apresente problemas. A cada rodada em que todos os componentes se reúnem (tanto os seis policiais instrutores permanentes quanto os demais componentes da banda) apontam diferenças que precisam ser superadas, tanto entre grupos de batalhões como entre indivíduos. A Percussão vive frequentemente os problemas de um grupo musical, que deve aparar arestas individuais e coletivas continuamente para sobreviver.

Resultado da pesquisa CESeC

Uma grande surpresa foi o resultado de mais uma rodada da pesquisa que o CESeC aplica a cada ano em que a capacitação é realizada. Como sempre, responderam ao **survey** uma amostra aleatória de 100 policiais sem ligação direta com o projeto, para testarmos como está a receptividade entre os **policiais que não fazem parte do JP**. Desta vez, a pesquisa foi aplicada em 100 policiais de todas as CIAs do 16º. BPM.

A pesquisa explora diversos aspectos das imagens que policiais têm dos jovens de aglomerado e do projeto Juventude e Polícia. Quando olhamos a pergunta mais sensível, observamos que, comparativamente aos outros anos, os resultados foram extremamente positivos, como mostra a tabela abaixo.

Na sua opinião o projeto Juventude e Polícia ajuda na integração Polícia-Comunidade?

	1ª. Pesquisa – 2005		2ª. Pesquisa – 2006			3ª Pesquisa 2007
	22º BPM	34º BPM	5º BPM	22º BPM	34º BPM	16º BPM
	%	%	%	%	%	%
Sim	72	58	56	57	58	73
Não	10	24	32	20	20	7
Não sei	16	17	10	20	20	20
NR	2	1	2	3	2	0
TOTAL	100	100	100	100	100	100

Observa-se que um grupo de aproximadamente 20% dos respondentes permanece estável, sem saber com certeza se o JP ajuda ou não na integração Polícia-Comunidade. Porém, o percentual de policiais que se coloca claramente **contra o JP** (consideram que o projeto não ajuda na integração), que chegou a 32% no 5º. BMP e a 24% no 34º BPM, em 2005, recuou para apenas 7% no 16º BPM. Igualmente, o percentual de policiais abertamente **a favor do JP** (consideram que o JP ajuda na integração) alcançou seu nível máximo em 2007, com 73% de apoio.

A conclusão da Capacitação 2007 é que o JP encontra-se hoje no seu melhor momento em termos de reconhecimento e amadurecimento. O melhor exemplo disso foi a visita do **governador Sergio Cabral** e o pedido do projeto no Rio de Janeiro. Mas, ao mesmo tempo, o projeto encontra-se numa passagem crítica e delicada, pois daqui para frente serão necessários passos decisivos para que o JP se torne um programa com vida própria dentro da PMMG.

Equipe Capacitação 2007

Coordenador: Betho Pacheco

Teatro: Renata e Carla

Dança: Lúcio e Rodrigo

Basquete: Marcos, Paçoca e Hermano (Dudu)

Grafite: Chico e Gais

Percussão: Altair, Dinho, Dongo, Rosemary, Luciano.

Convidados especiais: Norton, Alan, Serginho.

CESeC: Silvia Ramos e Susana Durão

Produção: Rosely Almeida

Policias do Juventude e Polícia

Comando: Cel. Rogério; **Coordenação:** Capitão Gonzaga.

Teatro: Cabo Passos, Cabo Eliezer, Soldado Rodrigo, Soldado Rosilene (Rose)

Dança: Cabo Anderson, Soldado Alessandro, Soldado Marcelo, Soldado Ronildo

Basquete: Cabo Eduardo, Sargento Rodrigues, Sargento Carvalho.

Grafite: Soldado Edervanio (Ninho)

Percussão: Soldado Johnny, Sargento Remaclo, Cabo Emerick, Cabo Pharias, Sargento Ademilson, Soldado Luciana

Banda JP – demais componentes: Sargento Elaine, Sargento Rosiane, Sargento Sidney, Sargento Jamil, Cabo Martins, Cabo Elizeu, Cabo Ronesman.

A Capacitação 2007 foi realizada graças ao apoio da CEMIG

